

SINFÔNICA e Cozzella polemizam festival: frases quebram rigidez das sinfonias. Correio Popular, Campinas, 17 jul. 1982.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030026

Frases quebram rigidez das sinfonias

Pouca gente podia acreditar que a apresentação da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, sábado à noite no Auditório Campos do Jordão, pudesse se transformar num autêntico "happening". Mas foi o que aconteceu, com o público se sentindo "agredido" pelas "loucuras" do compositor Damiano Cozzella.

A primeira parte correu tranqüilamente para as quase 1.500 pessoas que se acotovelaram dentro e fora (espionando através das janelas) do auditório: a soprano Niza de Castro Tank cantou, acompanhada pela orquestra, um concerto praticamente desconhecido de Reinhold Gliere e foi muito aplaudida. Mas, quando todos pensavam que a exibição dos músicos dirigidos pelo maestro Benito Juarez iria seguir a linha de tantos concertos que acontecem semanalmente em São Paulo e Rio, houve a explosão "Cozzella", a peça "Sem Título, Com Falas". E "que falas!" — diria ao final do concerto uma assustada mãe de família da terceira fila.

Para começar, o concerto exigiu três "orquestras", regidas pelo próprio Juarez e pelas maestrinas Helena Starzynski e Adriana Giarola. Mas isso foi pouco, realmente, diante das frases ditas em voz alta pelos músicos a cada pausa. Exemplos: "A idéia nova é uma idéia bem capitalista". "Esse cara (Cozzella) não tem o direito de fazer isso com a gente". "Eu, por exemplo, sou um cara que curte muito mais a família do

que todas as obras de arte juntas". Ou ainda esta de um músico negro: "E eles dizem que a escravidão foi abolida". Sem falar no canto da maestrina Helena: "Segura na mão de Deus...", repetido várias vezes.

"É precário, é frágil, é incerto, é inseguro" foi dizendo do fundo da orquestra a percussionista Glória Cunha, enquanto a música parava. Mas a peça de Cozzella não havia chegado ao final: a maestrina Adriana Giorola ainda saiu sambando, ao som de uma música carnavalesca, sob poucos aplausos e muitas vaias.

Pouco depois da apresentação de "Sem Título, Com Falas", Glória explicava: "Eu já esperava isso. Afinal é uma música de protesto erudita". E o maestro Benito Juarez desabafava: "Eu estava contando com muito mais vaias. A reação do público foi muito conformista". E fazia questão de esclarecer: "Não se trata de música de vanguarda. O Cozzella não está a fim disso. Ele quer fazer som e a define como música espacial. A inovação da peça é a inserção de falas inquietantes".

Aliás, "quebrar" a estrutura dos concertos que rege, colocando música contemporânea ao lado de obras clássicas, é uma constante no trabalho de Benito Juarez, que na terceira parte, depois do "susto", apresentou com seus músicos a Sinfonia nº 5, de Tchaikovski, tornando a obter os tranqüilos aplausos conseguidos ao fim da primeira parte do programa.